

Vamos sobreviver!

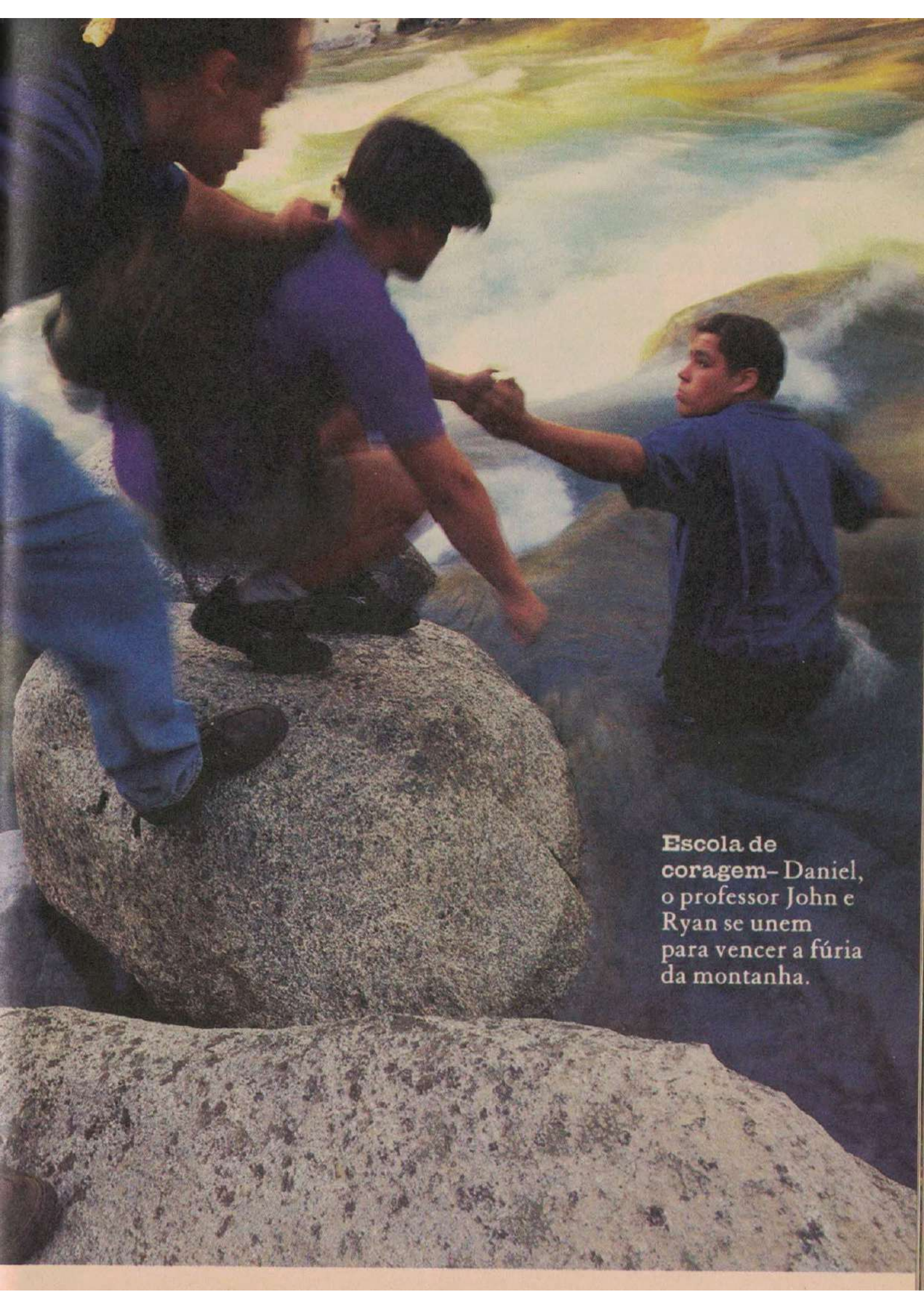
Os garotos teriam de provar que eram mesmo bons

Por Michael Bowker

NO ACAMPAMENTO na montanha, John Cicinato franziu a testa enquanto olhava para oeste. Era o dia 3 de junho de 1997 e o serviço de meteorologia previra uma semana amena e ensolarada na cordilheira de Sierra Nevada, no norte da Califórnia. Entretanto, um vento forte sacudia as abas da barraca e John via nuvens escuras se aproximando.

O rapaz forte de 26 anos lecionava em um programa de educação especial na Escola Secundária. Seus alunos eram adolescentes com graves conflitos emocionais, que haviam tido problemas acadêmicos ou disciplinares em outras escolas. Três desses alunos – Daniel Ferguson, 18





**Escola de
coragem-** Daniel,
o professor John e
Ryan se unem
para vencer a fúria
da montanha.

anos, e Ryan Castro e James Garrett, ambos de 16 – estavam com ele agora. O acampamento foi a maneira que John encontrou de lhes dar uma experiência desafiadora que talvez nunca tivessem por conta própria.

Os meninos e Michael Mayhew, 42 anos, assistente do professor, começaram a se mexer nos sacos de dormir quando a voz de John ecoou no ar da manhã.

– Ei, pessoal, temos de arrumar tudo e sair daqui. Vem vindo uma tempestade.

– Ah, deixe a gente ficar – implorou Ryan.

John sacudiu a cabeça negativamente. A volta do acampamento às margens do Lago Barrett – a cerca de 2.500 metros de altitude – até a *van* seria uma difícil caminhada de quase dez quilômetros.

Quando Ryan e Daniel começaram a reclamar, John olhou-os com firmeza. Eles sabiam que era inútil discutir. “Com o professor Cicinato não se brinca”, era o que se dizia na escola.

Certa vez, quando Daniel praguejava, perturbando a aula, John o conduziu calmamente para fora da sala.

– Você pode ser o que quiser na vida – disse ao rapaz que, apesar do QI alto, ficara reprovado. – Médico, advogado, professor ou vagabundo. A escolha é sua.

Nenhum adulto jamais falara com Daniel daquela maneira. Abandonado aos 3 anos de idade, vivera em lares provisórios e orfa-

natos. Ele podia ver a sinceridade nos olhos escuros de John. No dia seguinte, pela primeira vez em muitos anos, Daniel fez o dever de casa.

John fazia questão de ensinar seus alunos a ter amor-próprio e honra.

– Vocês são o que há de melhor – costumava dizer-lhes. – Agora vão e provem isso.

ALI NO ALTO da montanha, observando Daniel, Ryan e James desfazerem o acampamento, John sentiu uma onda de orgulho. Mas, à medida que o céu escurecia e a temperatura caía, foi ficando apreensivo. Tinham levado seis horas para chegar ali. Com a chuva fria, a volta seria ainda mais demorada.

Quando começaram a descer, os picos em torno deles estavam envolvidos por nuvens de tempestade. Riachos de neve derretida escorriam pela trilha. No granito escorregadio, a caminhada era traiçoeira.

Ainda perto do acampamento, Ryan escorregou e levou um tombo feio.

– Estou bem – disse ele, levantando-se num pulo.

No entanto, ao colocar a mão no bolso, percebeu que a única bússola que tinham estava quebrada.

– Não se preocupe – tranqüilizou-o John. – Vamos sair daqui antes de precisar dela.

Eles andavam em fila, curvados para se proteger contra ventos de 80 km/h. Começou a chover forte. À

tarde, a visibilidade já era de menos de dez metros. De vez em quando os vestígios da trilha, uma antiga rota de jipe, desapareciam.

John se deu conta de que não sairiam da montanha naquele dia.

– Temos de achar abrigo e esperar a tempestade passar – gritou para os outros.

Ao explorar uma área logo à frente, John encontrou três imensos pinheiros que poderiam servir de abrigo.

– Aqui! – chamou ele.

Encharcados e tremendo de frio, os outros se juntaram a ele. Os garotos tentavam disfarçar, mas por trás da fachada de durões estavam arrasados. O rosto deles tinha uma coloração azul. John sabia que tinha de providenciar uma fogueira sem demora.

Enquanto os rapazes armavam a barraca, John lutava para acender o fogo. A cada tentativa, o vento apagava o fósforo. Desesperado, tentava usar sinalizadores para colocar fogo na madeira encharcada, mas a chuva os apagava rapidamente.

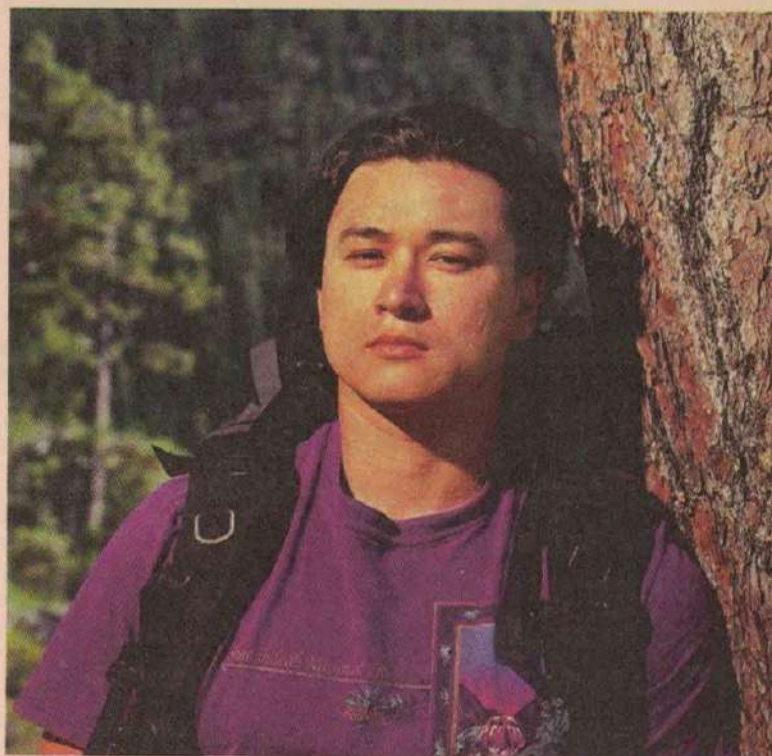
Daniel saiu da barraca com duas latas de repelente:

– Isso aqui é inflamável – disse. – Se a gente borrifar a madeira, talvez o fogo pegue.

Ele molhou a madeira e abriu um sinalizador.

– Consegui! – gritou quando as chamas subiram.

John esticou uma corda entre duas árvores perto da fogueira e pendurou uma lona. Michael e ele



John Cicinato percebeu pela primeira vez que talvez não saíssem dali.

encolheram-se embaixo dela. A chuva ainda os açoitava de todos os lados. À luz do fogo John pôde ver o rosto pálido do assistente. Ele tremia tanto que parecia estar tendo uma convulsão.

Logo os três garotos também se abrigaram sob a lona.

– A barraca está alagada – informou Daniel. – A encosta toda da montanha é uma enxurrada.

Acima do estrondo da tempestade, começaram a ouvir um barulho peculiar. John sabia o que era: milhares de córregos desciam em cascata da montanha, transformando os riachos em rios caudalosos. Pela primeira vez John teve medo de não conseguirem sair dali.

COM A MANHÃ, o sol não apareceu. Em seu lugar, uma chuva de vento castigava a área.

– Não levem nada pesado – gritou John para Daniel. – Vamos ter de passar dentro d’água.

– Está bem! – respondeu o garoto.

No momento em que ele e Ryan tomaram a frente, sentiram câibras terríveis nas pernas. Cada passo era uma agonia, mas os meninos estavam decididos a não reclamar.

Os cinco seguiram em frente até que depararam com uma torrente ruidosa.

– Dêem os braços – instruiu John.

Ofegando na água gelada, seguravam-se uns nos outros e moviam-se com cuidado pela rocha escorregadia, conseguindo, afinal, chegar a salvo do outro lado.

John sabia que tinham de seguir para o sul, mas onde ficava o sul? Eles não tinham bússola nem sol para guiá-los. O vazio se estendia por dezenas de quilômetros. Se erassem a localização da *van*, mesmo que por uma diferença de algumas dezenas de metros, estariam perdidos. John se lembrou, então, de que a maioria dos rios naquela parte de Sierra Nevada era represada.

“Se você seguir um rio correnteza abaixo”, seu pai uma vez lhe dissera, “chegará a uma represa onde deve encontrar gente ou abrigo.”

Ele convenceu os outros a se levantar. Oitocentos metros à frente Michael desabou no chão.

– Não consigo, John – disse ele. –

Estou morto de cansaço. E James também. Você vai ter de nos deixar aqui e procurar ajuda.

Estava óbvio que o assistente tinha razão. James também estava prostrado e assim não conseguiria prosseguir.

– OK – concordou John. – Mantenha os garotos juntos e encontre um abrigo.

Quando se virou, porém, Daniel e Ryan o confrontaram.

– Nós também vamos! – gritou Daniel.

John sentiu a determinação deles e não discutiu. Sem dizer mais nada, saíram em meio à tempestade.

OS TRÊS ANDARAM durante horas, atravessando cachoeiras e abrindo caminho por uma densa vegetação de quase dois metros de altura. Ryan não sentia mais os pés e as pernas. Ainda assim, prosseguia.

No fim da tarde, chegaram a um rio obstruído por árvores caídas.

– Temos de atravessar – disse John.

Os meninos estavam no limite de suas forças, mas não hesitaram.

Arrastando-se sentado sobre uma tora de madeira parcialmente submersa, Daniel pulou no rio. A água fria o atingiu como uma lança de gelo, no entanto ele prosseguiu através da correnteza. John, cujas pernas estavam cansadas e doloridas pela caminhada, também conseguiu atravessar com segurança.

– Vamos, Ryan – eles gritaram.

O rapaz pulou e submergiu. A correnteza o puxou violentamente, atirando-o contra as pedras e arrastando-o em meio aos galhos de árvores tombadas.

Aterrorizado, ele nadava freneticamente. De repente, sentiu o pulso ser agarrado. Era Daniel, que havia pulado para ajudá-lo. Por alguns minutos agônicos, Daniel lutou contra a correnteza pela vida de Ryan. Então, com um impulso, conseguiu puxá-lo para a margem do rio.

– Eu não posso mais continuar – ofegou Ryan.

Os três deitaram-se na margem, exaustos.

– Rapazes – disse John afinal. – Talvez a gente não consiga, mas precisamos mostrar a todo mundo que tentamos. A vida de duas pessoas depende de nós.

Eles não tinham dormido nem comido nada além de doces por quase 44 horas. Estavam sofrendo de hipotermia. Mas Ryan e Daniel se levantaram e se forçaram a continuar a caminhada.

Vinte minutos se passaram, depois mais vinte. John se perguntava por quanto tempo ainda resistiriam. Repentinamente, Ryan começou a gritar e apontar. John também viu: uma cabana de caçadores!

Mesmo a distância John percebeu que a porta estava fechada com correntes. Antes que pudesse pensar num jeito de entrar, ouviu barulho de vidro quebrado.

– Tenho certa prática nisso – disse Daniel, acanhado.

Dentro da cabana eles acenderam o fogão antigo, tiraram as roupas molhadas e se enrolaram em cobertores. Os rapazes adormeceram logo.

Ao correr, John escorregou.

Caiu de costas, batendo a cabeça na pedra com um barulho assustador.

John permaneceu acordado. A culpa por ter levado os meninos e Michael para o meio do nada pesava em sua consciência. Como conseguiria viver em paz se algo lhes acontecesse?

A MANHÃ CHEGOU – era o terceiro dia de caminhada. Ainda deitado, John percebeu que não chovia mais. O sol filtrava-se através das árvores. A tempestade havia passado.

Levando um mapa encontrado na cabana, John, Ryan e Daniel seguiram para o sul. Numa árvore Ryan viu uma pequena placa amarela do Serviço Florestal dos Estados Unidos com coordenadas de latitude e longitude. Ele memorizou os dados e os de todas as outras placas que viu.

Logo após o meio-dia, os três chegaram a uma laje de granito. Ao correrem sobre a rocha molhada e coberta de limo, John escorregou, caindo de costas e batendo a cabeça na rocha com um barulho assustador.

Os rapazes acudiram.

– Não mexa nele! – disse Daniel.

Durante longos minutos, John permaneceu deitado, imóvel. Então abriu os olhos e tentou ficar em pé. Uma dor aguda atravessou-lhe o joelho.

– Eu vou atrasar vocês – disse. – Prossigam sem mim e tragam ajuda.

Daniel e Ryan se entreolharam.

– Desculpe, professor – replicou Ryan. – Desta vez não vamos seguir suas ordens. Vamos descer esta montanha juntos mesmo que seja preciso carregá-lo.

John começou a discutir, mas o olhar determinado dos dois rapazes o deteve. *Eles estão assumindo o comando*, pensou. *É isso que venho tentado lhes ensinar o tempo todo. Tenho de confiar neles.* Um imenso orgulho o invadiu.

Sete horas depois começava a escurecer. Enquanto Daniel e Ryan ajudavam John nos trechos acidentados da trilha, a escuridão na floresta aumentava. De repente, John viu uma luz a distância: uma fogueira.

– Corram! Corram! – ele gritou para os garotos.

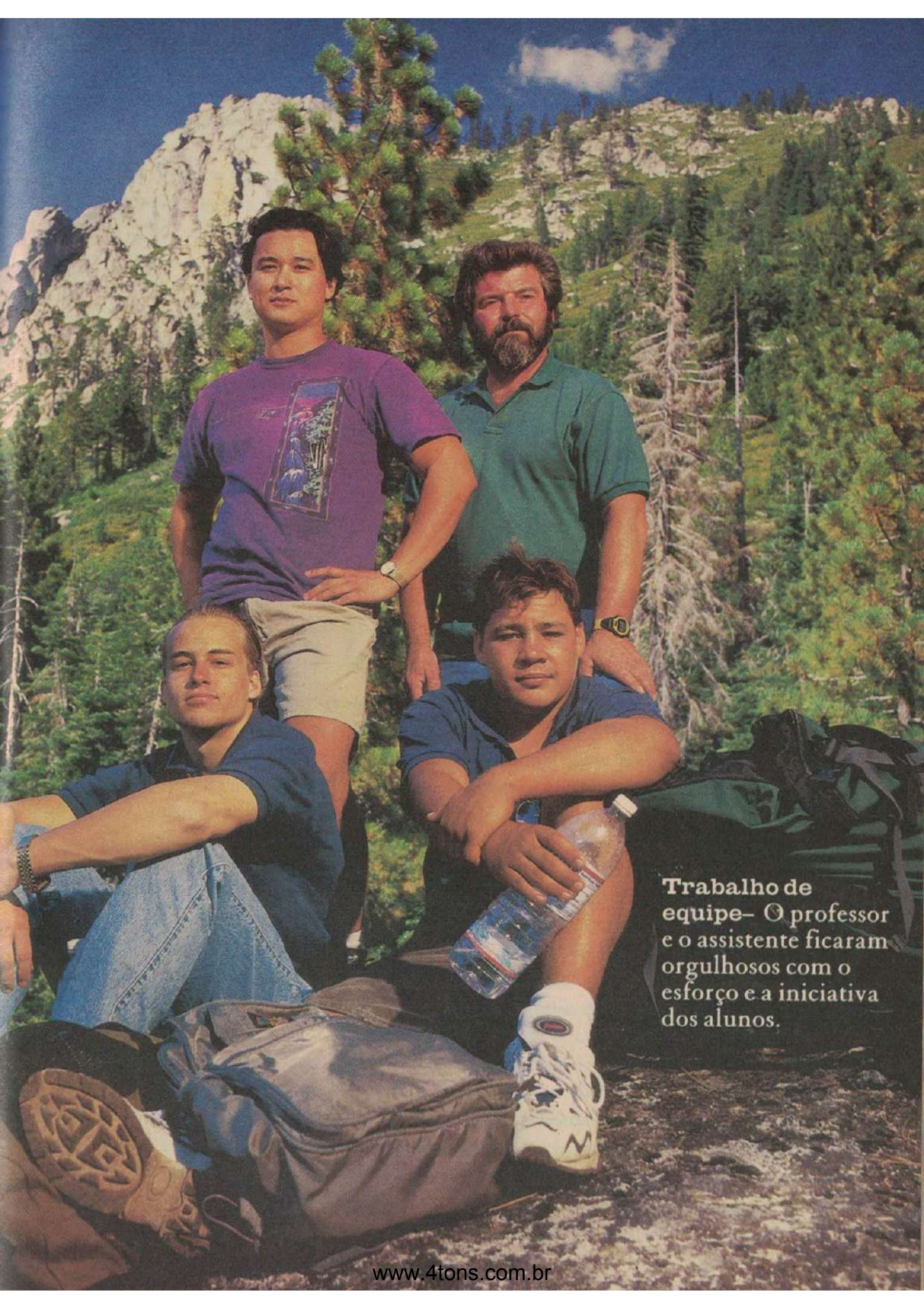
Daniel e Ryan correram na direção da luz, mas pararam abruptamente. Um rio furioso se interpunha entre eles e o fogo.

– Socorro! – gritaram acima do ronco do rio. – Precisamos de ajuda!

– Fiquem aí! Eu vou até vocês! – alguém respondeu.

Pouco depois o homem chegou e os conduziu a uma parte mais estreita do rio.





**Trabalho de
equipe-** O professor
e o assistente ficaram
orgulhosos com o
esforço e a iniciativa
dos alunos.

– Vamos sobreviver – disse John a si mesmo, enquanto formavam um cordão humano e entravam na correnteza.

Subitamente, o joelho cedeu e ele se viu embaixo d'água, debatendo-se na corrente gelada.

Daniel, no entanto, ainda segurava seu pulso com firmeza. Ryan pulou a fim de ajudar. Juntos, os rapazes puxaram o professor para a margem.

Na manhã seguinte, um helicóptero de resgate, guiado pelas coordenadas que Ryan havia memorizado, avistou uma crista na montanha com um enorme SOS escrito com pedras. Michael e James estavam perto: fa-

mentos e sofrendo de hipotermia e desidratação, mas vivos.

Em poucos dias, todos já haviam se recuperado da penosa aventura. Depois de arriscarem a vida pelos amigos, Ryan e Daniel ganharam enorme confiança. Daniel tirou notas máximas durante todo o período letivo de 1997-98 e ganhou uma bolsa integral para a universidade. Ryan e James também completaram o 2º Grau com boas notas.

“Esses garotos foram marginalizados pela sociedade, mas foi sua vontade de lutar que nos salvou”, diz John. “Eu sempre disse a eles que eram os melhores e eles provaram isso.”

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO



Precisamos voltar a ser galantes, conversar, jantar no lugar mais romântico da cidade, caminhar na praia de mãos dadas, chegar a conhecer, antes do físico, a alma um do outro, cortejar de verdade.

Os bons tempos! A emoção que a mulher sentia ao ser lisonjeada mês após mês, muitas vezes quase em silêncio. Essa fase, diz minha mãe, abria o caminho para os grandes amores, coisa que hoje quase ninguém conhece. Não existe mais aquele cerco de atenções que precedia a declaração de amor. Foram-se as alvas flores da pureza, as flores rubras da paixão, as rosas do amor... Foram-se os bilhetes com suas mensagens românticas, os presentes escolhidos com tanto carinho e ternura.

Que voltem os cavalheiros. Que abram as portas para as mulheres passarem, que os homens se levantem para as damas quando elas chegarem, que demonstrem publicamente sua admiração. Que os cavalheiros voltem vestidos de ilusão e que reaprendam o elogio do amor puro, e que as mulheres guarnecidas de romance voltem a conhecer o lugar que ocupam nessa história chamada vida.

—CRISTINA CARAS LINDAS no *Diário de Notícias*, Lisboa